

## Especial Pequenas e Médias Empresas

**Negócios** Instrumento artesanal feito em Campinas conquista respeito de músicos do Brasil e do exterior

# Bateristas cobizam a batida da Odery

**Domingos Zapparolli**  
Para o Valor, de Campinas

"Passei a vida dirigindo fusca e agora peguei uma Ferrari." Esta frase foi dita pelo baterista Billy Cobham no último dia 13 em um workshop de música para duzentas pessoas em São Paulo.

O fusca ao qual ele se referia era a bateria japonesa Yamaha, com a qual trabalha há 30 anos. A Ferrarri era uma bateria Odery, produzida de forma artesanal em Campinas, no interior paulista. O elogio à fabricante paulista veio de um músico considerado um dos melhores bateristas do mundo. O panamenho Cobham, ao lado do trompetista já falecido Miles Davis, é precursor do fusion, o estilo que misturou jazz e rock. Ele também formou, com o guitarrista John McLaughlin, a Mahavishnu Orchestra.

Cobham não é o primeiro grande baterista a se render à qualidade de uma Odery. Os conhecidos músicos Robertinho Silva, Aíro Moreira e Carlos Bala também são usuários de instrumentos da marca, assim como Will Calhoun, do Living Colour. O aval de instrumentistas consagrados tem levado a Odery a uma bem-sucedida trajetória comercial no Brasil e no exterior. No ano passado, a empresa campineira faturou R\$ 3 milhões, a metade com os produtos da marca Odery e a outra metade com a venda de baterias da marca Privilege, criada para atender o mer-

cado mais popular. As exportações, exclusivamente com a marca Odery, renderam US\$ 100 mil. Estados Unidos e Europa são os principais destinos da bateria.

No exterior, uma Odery é comercializada por preços equivalentes aos obtidos pelos instrumentos da japonesa Pearl, a maior e mais prestigiada fabricante mundial de baterias. Nada mau para uma empresa que até 2001 funcionava de modo informal, no fundo da casa de seu fundador, Odery Cunha, ou melhor, Mr. Odery, como gosta de ser chamado. A história de como a Odery tornou-se uma referência em instrumentos musicais é, no mínimo, inusitada.

Odery Cunha não conhece música, é ferramenteiro formado pelo Senai. Durante 18 anos trabalhou na GE. Ficou desempregado nos anos 80 e tornou-se propagandista médico. Músicos são seus filhos, Alexandre, baterista, e Maurício, guitarrista. No ano 80, Alexandre pediu uma bateria de presente ao pai. "Até então, nem sabia que ele gostava de música", diz Mr. Odery, que concedeu o presente ao filho.

Mais tarde, Alexandre passou a dar aulas de bateria em Campinas e o pai, desempregado novamente, vislumbrou a oportunidade de comprar baterias em uma fábrica em São Paulo e revender aos alunos de seu filho. As visitas à fábrica se tornaram instrutivas. "Observei a produção, achei que poderia fazer me-

lhor e fiz", diz Mr. Odery. "Na época, 1991, achávamos que nosso pai estava louco. Ele não conhecia música, não tinha as ferramentas adequadas para produzir, nem conhecia o negócio", relembra Maurício Cunha.

Mas ferramenta nunca foi problema. Mr. Odery construiu as próprias furadeiras, soldas e moldes para tambor. Até hoje, 80% dos equipamentos utilizados na fábrica foram desenvolvidos pelo ferramenteiro Odery Cunha. "No início, não tinha como investir. Hoje, além de ser mais barato, posso desenvolver a ferramenta de acordo com sua utilidade, gerando melhor desempenho", diz. Inicialmente, os modelos das baterias Odery eram cópias de instrumentos estrangeiros, que eram pouco acessíveis no Brasil. O aprimoramento acústico veio por meio das sugestões dos filhos e de usuários.

Já a estratégia comercial dependia mesmo é do boca a boca entre os alunos e amigos de Alexandre e Maurício. Outra ferramenta comercial importante foi a internet. "Fomos o primeiro fabricante brasileiro de instrumentos a ter um e-mail, depois um site e a aceitar encomendas eletronicamente", diz Maurício, que há anos trocou a guitarra pela direção executiva da empresa e passou a ser conhecido como Maurício Odery pelos clientes.

O grande salto ocorreu em 1996, quando Carlos Bala, que na época acompanhava o cantor



Mr. Odery e Maurício: 80% dos equipamentos criados pelo ferramenteiro

mente todos os fabricantes trabalham com a madeira canadense maple. A Odery, por sua vez, utiliza araucária, que gera um som puro e brilhante, ou a madeira de origem indiana teca, que gera um som encompado e tem um visual mais exótico. "Nossas baterias têm identidade, fazem um som diferente das outras e isso é importante para um baterista que quer se distinguir", diz o empresário.

Outra característica específica da Odery é sua estratégia de produção customizada. A empresa só produz sob encomenda e o cliente tem um amplo leque de escolhas para personalizar seu instrumento. Ele pode adquirir uma bateria completa ou peças isoladas, pode escolher as dimensões dos tambores, o tipo de acabamento em ferragens, a pintura, o aro, a canoa e a pele. Pode ainda acompanhar todo o processo de produção de seu instrumento pela internet. "Nenhum fabricante confere tanta liberdade de escolha ao cliente como nós", diz Maurício.

Identidade sonora própria e liberdade de escolha, é claro, tem um custo elevado. Em média, uma bateria Odery completa é vendida no Brasil por R\$ 8 mil a R\$ 10 mil. Para comparar, uma bateria completa popular, de outras marcas, pode sair por R\$ 1,5 mil em São Paulo. Para não perder completamente o mercado mais popular, a estratégia da Odery foi introduzir no mercado, há dois anos e meio, uma segunda marca, a Privilege, que utiliza tambores Odery, mas todo acabamento é feito com componentes vindos de Taiwan.

Além disso, a empresa trabalha com um número reduzido de opções e produção em série, para venda em lojas. Uma Privilege completa é vendida em média por R\$ 4 mil. Tem sido um sucesso. "Hoje temos uma linha de produtos para quem chegou ao topo e outra para quem quer chegar lá", diz Maurício Odery.

ca a boca pró Odery passou a ocorrer também entre músicos profissionais. Silva e Bala tornaram-se os primeiros músicos patrocinados pelo fabricante.

O que faz as baterias Odery objetos de desejo entre os músicos? A resposta parece estar na madeira utilizada nos tambores. Segundo relata Maurício, pratica-